

A batalha e o corpo: Breves reflexões sobre travestis e prostituição

Por Marcos Benedetti

Travestis e Prostituição

As travestis¹ constituem um grupo social cada vez mais numeroso e proeminente na sociedade brasileira. Já dispõem, no nosso espaço social, de um papel que lhes é legítimo e que, em si, indica processos maiores de mudança social, como foi muito bem apontado por Silva e Florentino (1996).

Entretanto, apesar destas mudanças no papel e lugar social ocupado por este grupo, ainda é comum a idéia de que as travestis constroem sua identidade sexual e de gênero motivadas apenas pela prostituição e pelos ganhos financeiros que esta atividade pode proporcionar. É corrente a associação da identidade das travestis à atividade da prostituição, tanto no senso comum quanto em alguns setores do conhecimento acadêmico no Brasil, como fica visível, por exemplo, no que publica a Sociedade Brasileira de Sexologia em sua revista eletrônica *Viver Bem Saúde*:

“O travesti é, na verdade, um prostituto que, para atrair clientela, usa adereços que nossa cultura considera característicos do sexo feminino (vestes, calçados, meias, pintura) ou até mesmo se submete a cirurgias plásticas, implantes de silicones e hormonioterapia, para adquirir contornos que se assemelhem aos das mulheres.”²

Este artigo pretende relativizar a noção corrente de que a transformação do corpo e do gênero entre as travestis está determinada e ocasionada pela atividade da prostituição. A idéia de que a construção do corpo e do gênero das travestis dá-se única e exclusivamente em função do interesse pelos rendimentos financeiros proporcionados pela prostituição é um dos sustentáculos do estigma e da exclusão social que cerca este grupo social.

Meu objetivo nesta breve reflexão é argumentar que os processos de construção do corpo e do gênero das travestis são complexos e estão determinados e estruturados por lógicas do gênero próprias deste grupo social.

Também pretendo argumentar em favor de uma compreensão acerca dos ambientes de prostituição de travestis para que estes espaços sejam percebidos não apenas como um lugar de trabalho e de procura e auferição de dinheiro por parte das travestis, mas sim como um dos principais espaços de sociabilidade e aprendizado dos processos de construção do corpo e do gênero das travestis, logo de construção de sua identidade social.

Este texto está inspirado na corrente de estudos que afirma o gênero como uma construção cultural e não como uma determinação biológica ou natural. Além de compreender os valores e práticas associadas ao masculino e ao feminino como particulares a alguns contextos culturais, este artigo privilegia uma opção teórico-metodológica que procura apreender os fenômenos sociais através do corpo. O corpo é visto aqui então como sendo o acesso e o significado do mundo social (Csordas, 1988).

Os dados e informações aqui apresentados são resultado da minha experiência de convivência com as travestis de Porto Alegre. Esta convivência deu-se durante oito anos, de 1993 a 2001, quando estive vinculado a um projeto de prevenção de HIV/Aids entre profissionais do sexo desenvolvido pelo Grupo de Apoio à Prevenção da Aids do Rio Grande do Sul (GAPA/RS). Em 1998 e 1999, também foi realizada uma pesquisa para elaboração da minha dissertação de mestrado junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde foi empregado o método etnográfico, no qual enfatizou-se o uso das técnicas de observação participante.

Durante o período de pesquisa pude conviver e observar aproximadamente cem travestis com idades que variam entre 16 e 55 anos, na sua grande parte profissionais do sexo. Na sua maioria, as travestis residem nos bairros periféricos da cidade ou em vilas da Região Metropolitana de Porto Alegre, normalmente em apartamentos ou casas compartilhadas com outras travestis ou mesmo pequenos cortiços que elas chamam *pensão*, usualmente administradas por travestis mais velhas, conhecidas como *cafetinas*. Apresentam níveis baixos de escolaridade e compartilham de noções e representações típicas das classes populares, permeadas pela ideologia da hierarquia conforme apontado por Duarte (1986). Outros dados também foram coletados através da técnica de entrevista semi-aberta com roteiro, realizadas nas casas das travestis ou ainda na sede do GAPA/RS³.

Cair na vida e virar travesti

O espaço da prostituição é um dos principais lugares sociais de construção e aprendizado do feminino entre as travestis. Assim, os diversos espaços de prostituição de travestis espalhados pela cidade de Porto Alegre, normalmente públicos e exclusivos, servem de camarim e palco para o processo de transformação do gênero e construção da identidade travesti.

É nos diferentes territórios de *batalha* (forma êmica utilizada para denominar a atividade da prostituição) que muitas travestis tiveram seu primeiro contato com outras *monas* (desinência êmica empregada para se referir às próprias travestis), e que viram concretizados os seus desejos de transformação. Muitas vezes foram trazidas por outra travesti que já freqüentava o lugar e conhecia as demais, o que também lhe garantia uma espécie de “proteção” naquele ambiente.

Ao narrarem as suas histórias sobre o início na prostituição, as travestis referem-se a este período como *cair na vida*, *cair na batalha*, *cair lá embaixo* (referindo-se a uma região geográfica da cidade onde há prostituição de travestis, normalmente designada como sendo um lugar de menor altitude) ou simplesmente *cair*, o que também é descrito por Kulick (1998: 136) em sua pesquisa na cidade de Salvador. Esta expressão talvez guarde relação direta com a idéia, presente no senso comum, de que a prostituição (e aquela exercida na rua, especialmente) constitui uma ocupação imoral e degradante do ser humano, como se a pessoa literalmente “caísse” para um nível mais

baixo da experiência humana. Por outro lado, este processo também é visto como uma passagem para o mundo adulto, funcionando a “queda” como um trampolim para uma mudança de status, característica também descrita por Prieur (1998:72) no México.

Os territórios de prostituição constituem um importantíssimo espaço de sociabilização, aprendizado e troca entre as travestis. Mesmo aquelas que exercem a prostituição apenas esporadicamente, freqüentam estes lugares. Há algumas travestis que têm nas zonas de *batalha* o principal (e às vezes o único) ponto de encontro e convívio social. Assim, muito mais do que um espaço de trabalho e fonte de renda, é nestes lugares que muitas *monas* fazem amizades, compram e vendem roupas, objetos, materiais de *montagem* (termo êmico utilizado para denominar o ato de vestir-se com roupas de mulher), perfumes, adornos, drogas, etc.

É ali que aprendem os métodos e técnicas de transformação do corpo (como o uso de hormônios e as injeções de silicone)⁴, as formas corporais mais apropriadas às travestis e quais delas são mais valorizadas, os segredos da *montagem*, as técnicas de maquiagem, as formas legítimas e ilegítimas de seduzir um homem e se relacionar sexualmente e a linguagem do bate-bate (constituída de um vocabulário codificado com base na linguagem iorubá).

Da mesma forma, é na quadra de *batalha* que passam a conhecer as formas corretas de andar no salto alto, de mostrar movimentos leves e suaves, de olhar de determinada maneira, de mover o cabelo ou andar à moda travesti. É na convivência nos territórios de prostituição que as travestis incorporam os valores e formas do feminino, tomam conhecimento dos *truques* e técnicas do cotidiano da prostituição, conformam gostos e preferências (especialmente os sexuais) e muitas vezes ganham ou adotam um nome feminino. Este é um dos importantes espaços onde as travestis constroem-se corporal, subjetiva e socialmente. É onde, enfim, aprendem o *habitus*⁵ travesti.

Constitui-se também no principal espaço de trocas matrimoniais. Os maridos e namorados, muitas vezes, são homens que circulam nestes territórios em busca de sexo, diversão e parceria. Como bem observa Kulick (1998: 136), o espaço da prostituição é visto também como um espaço de experiências prazerosas e enriquecedoras do gênero.

É nas quadras de *batalha* que se aprende, através de um fluxo de aprovações e reprovações, das outras travestis, dos clientes e transeuntes, as formas de ser feminina e ser desejada femininamente pelos homens que ali circulam, sejam eles (potenciais) clientes ou não. O espaço da *batalha* é um dos principais cenários de aprendizado e testagem do feminino, que se dá através de um complexo sistema de estímulos, sinais, aprovações e reprovações que confirmam, negam ou questionam os investimentos no processo de transformação do gênero. Esse *feedback* que as travestis esperam das colegas, clientes, transeuntes e outras pessoas é fundamental para a conformação dos valores atribuídos ao feminino e ao masculino, que vão sendo construídos em função dos investimentos aprovados ou não no convívio social.

É na *esquina* que procuram exhibir-se, insinuar-se e oferecer-se de forma a sentirem-se atrativas para os desejos dos homens que ali circulam. É na *rua* que sentem que as suas formas corporais e sua performance feminina dão resultado, isto é, são eficientes para que os homens as desejem. Este espaço é concebido como o principal meio de troca e aprendizado da carreira travesti.

Os espaços gerados da prostituição

Os diferentes espaços urbanos onde tem lugar a prostituição de travestis podem ser vistos como se estivessem organizados e subdivididos em diversas categorias que têm como pressuposto uma concepção de gênero que lhes é particular. É claro que estas divisões do espaço físico-geográfico em função das representações correntes neste grupo acerca do masculino e do feminino são altamente fluidas e estão em constante mutação e deslocamento. Mas ainda assim é possível perceber certas características femininas (por parte das travestis) e masculinas (por parte dos clientes), que só têm sentido quando concebidas umas em relação a outras, e que são distintas em cada espaço.

Parece que cada zona é habitada por determinados “tipos” de travestis que têm traços e formas físicas, concepções estéticas de vestir-se, adornar-se e portar-se, além de concepções sobre desejos e práticas sexuais análogas. Ao mesmo tempo, estes espaços são ocupados e visitados por clientes, *bofes* (termo êmico para designar homens que sejam potenciais clientes ou namorados), e outras pessoas do universo masculino que estão em posição complementar àquelas características femininas enfatizadas pelas travestis.

Tal organização espacial não significa que as travestis não possam circular por todas as áreas instituídas de comércio sexual de travestis, o que aliás algumas o fazem em busca de novos clientes, amigos, informações e diversão. Entretanto esta circulação também pode ser vista como um motivo para gerar tensões internas aos diferentes grupos que ocupam ou “disputam” o privilégio de determinadas regiões de prostituição. Estas tensões, às vezes presentes em um espaço que não compreende mais do que três ou quatro quarteirões, nem sempre são resolvidas apenas com discussões e xingamentos: a violência física se faz presente na resolução de algumas querelas.

Esta espécie de regionalização dos espaços também é relatada por Silva (1993) no Rio de Janeiro, por Müller (1992) em Porto Alegre e por Kulick (1998) em Salvador. É perceptível uma certa hierarquia na ocupação dos territórios, que parece estar baseada, segundo as travestis, em uma relação entre as características dos clientes e as características das *monas* que *batalham* naquela zona. Estas características são uma multi-combinação de traços físicos e sociais. Assim, os clientes mais pobres, os caminhoneiros, os que não têm carro e os que são mais feios (segundo a concepção das próprias travestis) compartilham espaços com travestis que são mais velhas, que vivem em situação de maior pobreza e que fazem investimentos (subjetivos e objetivos) menos apurados na fabricação do feminino; ao passo que clientes com mais dinheiro, com veículos próprios e que pertencem a um estrato social mais elevado freqüentam as zonas ocupadas por travestis mais jovens, que realizam grandes investimentos na construção do feminino, com gosto estético

atualizado com as tendências da moda, etc. Perlongher (1987) observou dinâmicas análogas entre os michês de São Paulo.

Parece que os espaços de prostituição reproduzem os diferentes valores do masculino e do feminino no universo das travestis, onde travestis e clientes ocupam os mesmos espaços por compartilharem esquemas de gênero semelhantes e complementares. É como se o espaço social das travestis e suas diferentes posições, especialmente aquelas sugeridas pelo gênero, se reproduzisse neste pequeno universo.

Por fim, quero afirmar que a frequência das travestis nos espaços da prostituição não está relacionada apenas e necessariamente com a atividade do trabalho sexual ou com interesses puramente econômicos que podem advir destes serviços. Antes, poderíamos dizer que o convívio social das travestis nas áreas de prostituição está relacionado com a possibilidade da visibilidade social dos seus investimentos na transformação corporal e do gênero. É prioritariamente nestes espaços que as travestis aprendem as modalidades e processos de se construir, corporal e subjetivamente, no gênero feminino; é onde podem “verificar” se as estratégias de transformação de apresentação de si no feminino encontram reciprocidade, tanto por parte das outras travestis, como por parte dos outros habitantes deste universo social. O pertencimento aos espaços de batalha é uma maneira privilegiada das travestis vivenciarem, subjetiva e publicamente, o seu corpo e gênero feminino.

Referências Bibliográficas

- BENEDETTI, Marcos. 2000. *Toda Feita: o corpo e o gênero das travestis*. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (Dissertação de Mestrado)
- BENEDETTI, Marcos. 2002. A calçada das máscaras. In: GOLIN, Célio & WEILER, Luís Gustavo (orgs.) *Homossexualidades, Cultura e Política*. Porto Alegre: Sulina. p. 140-52
- BOURDIEU, Pierre. 1980. *Le Sens Pratique*. Paris: Le Minuit.
- BOURDIEU, Pierre. 1995. A Dominação Masculina In: *Revista Educação & Realidade*. 20(2):133-84, jul/dez.
- CSORDAS, Thomas. 1988. Embodiment as a paradigm for anthropology In: *Ethos*. 18:5-47.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. 1986. *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/CNPq.
- KULICK, Don. 1998. *Travesti - Sex, Gender and Culture Among Brazilian Transgendered Prostitutes*. Chicago and London: University of Chicago Press.
- MÜLLER, Liane Susan. 1992. *Sinais de Comunicação no Planeta Noite: Parte I — Os Travestis*. Porto Alegre: mimeo.
- PERLONGHER, Néstor. 1987. *O Negócio do Michê*. São Paulo: Brasiliense.
- PRIEUR, Annick. 1998. *Mama's House, Mexico City: on transvestites, queens and machos*. Chicago and London: University of Chicago Press.
- SILVA, Hélio & FLORENTINO, Cristina. 1996. A sociedade dos travestis: espelhos, papéis e interpretações. In: PARKER, Richard & BARBOSA, Regina (orgs.) *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: ABIA/IMS-UERJ/Relume-Dumará.
- SILVA, Hélio. 1993. *Travesti — A invenção do feminino*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ISER.

Notas

¹ Creio ser relevante esclarecer os motivos que me levam a empregar o substantivo *travesti* como pertencente ao gênero gramatical feminino, uma vez que a forma gramatical correta indicada nos dicionários é a de um substantivo masculino. Além das razões que valorizam o próprio processo de construção do gênero feminino no corpo e nas subjetividades das travestis

e que levam em conta a utilização êmica deste termo, usualmente empregado na flexão feminina, a outra justificativa é política: já que o respeito e a garantia ao seu feminino são as principais reivindicações do movimento organizado de travestis e transexuais, acredito que este trabalho possa contribuir com este objetivo, valorizando e afirmando o gênero feminino (cultural e gramatical) das travestis.

² Consultado no site <http://www.jornalviverbemsauade.com.br/Estrutura/SaudeDoHomem.htm>, em 09 de Outubro de 2004.

³ Para maiores detalhes sobre as questões metodológicas da pesquisa, ver Benedetti, 2000.

⁴ Os processos sociais de construção do corpo empregados pelas travestis encontram-se melhor explicados em Benedetti, 2000, especialmente no Capítulo “Entre curvas e sinuosidades: a fabricação do feminino no corpo das travestis”.

⁵ Bourdieu (1995, 1980), em sua teoria da prática, afirma que o corpo é o espaço onde está a cultura, onde situam-se os principais esquemas de percepção e apreciação do mundo que são formados a partir das estruturas fundamentais de cada grupo, como as oposições entre alto/baixo, masculino/feminino, forte/fraco, etc. A cultura é incorporada através de um mecanismo básico que ele denomina *habitus*. Assim, o *habitus* é a própria naturalização da cultura.

Sobre el autor

Marcos Benedetti, Licenciado em Ciências Sociais e Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Consultor do Projeto Ntwanano – Cooperação Brasil e Moçambique em HIV/Aids do Ministério da Saúde do Brasil.
E-mail: marcosbenedetti@hotmail.com